



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE05582008GRC



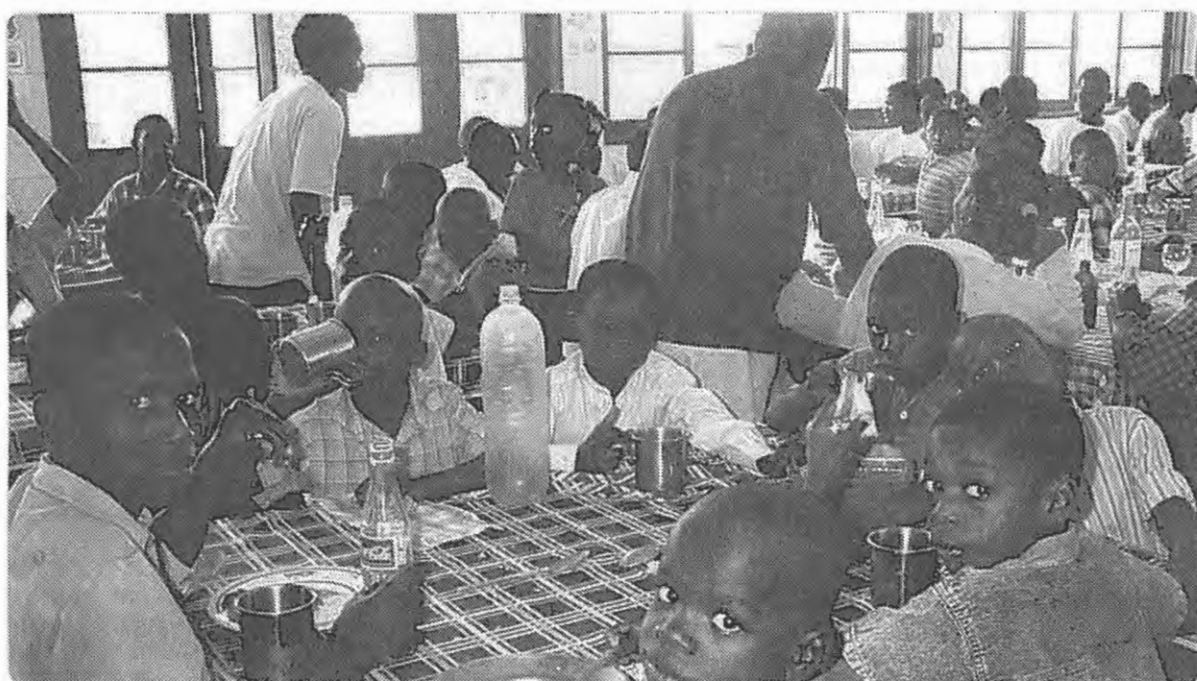
Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913

16 de Agosto de 2008 • Ano LXV • N.º 1681
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239



BENGUELA

Festa da Obra da Rua

JÁ passaram 15 dias. Contudo, está ainda muito viva a Festa da Obra da Rua, celebrada em nossa Casa. Este ano, tivemos a graça da presença do nosso Padre João, Director da Obra da Rua, que veio visitar as Casas do Gaiato, em Angola.

Um dos momentos mais felizes da celebração é sempre o reencontro com os filhos mais velhos. Alguns saíram há mais de 30 anos para a sua vida autónoma. Que alegria vê-los, agora, acompanhados de suas esposas com os filhos e netos! Apeteceu-me desabafar com eles, ao jeito de brincadeira, a propósito dos meus

cabelos brancos. Estava a fazer uma peregrinação pelo caminho dos anos passados, cheio de provações, dores, alegrias e esperança. Daqui a poucos meses, fará 45 anos a nossa chegada a Angola.

Este ano, o Gabriel, a caminho dos 56 anos, assumiu a responsabilidade do banquete da Festa. É um industrial de hotelaria com nome grande na praça de Benguela. Cresceu, desde pequenino, em nossa Casa. Num período muito difícil, foi eleito chefe maior da nossa comunidade. Graças às suas qualidades e ao amor grande que já o consumia,

conseguiu levar a bom termo a sua missão delicada. Recordo esses momentos com muita gratidão. O Domingos André, mais conhecido por «Solano», enfermeiro de categoria e estudante universitário, juntamente com a Bety, sua esposa, também nos deram a alegria de estar presentes. O Paulo Palma, radialista muito apreciado e industrial de relojoaria, não podia faltar com a Paula, sua esposa e os seus filhos e netos. Que maravilha! O nosso Kiki, técnico abalizado em aparelhos electrónicos, veio

Continua na página 2

Angola-Benguela

VELOZ e intensa a nossa visita às Casas do Gaiato de Angola, neste mês passado de Julho. Depois da nossa aterragem em Luanda, voámos, nesse mesmo dia, para Benguela. Aterrámos na Catumbela por se encontrar em obras o aeroporto de Benguela.

Ali nos esperava, de braços abertos, o nosso Padre Manuel António, ao fim da tarde. Saídos do aeroporto entrámos na estrada Lobito-Benguela, uma via rápida transformada num autêntico corredor comercial de bens e pessoas e recentemente asfaltada, larga e de bom piso.

Em todo o trajecto são perceptíveis os sinais do desenvolvimento: estaleiros de materiais de construção civil, novas pontes e remodelação total da via férrea. São visíveis os sinais da presença de grandes empresas de construção civil portuguesas de nomes bem conhecidos. Muitas outras empresas estão estabelecidas numa concorrência assinalável em outros domínios do desenvolvimento económico.

Em Casa, à noite, sentimo-nos em família. É esse, também, o ar que ali se respira. O Engenheiro Zé Luís e sua esposa Teresa, são um casal "esteio" desta família, pela sua dedicação plena e inteligente aos objectivos da Obra e da Casa do Gaiato de Benguela.

Visitámos a grande quinta onde se situam as oficinas e as estruturas agro-pecuárias que estão sob a orientação do nosso Sá Cruz, outro "esteio" muito válido e oportuno no andamento daquela Casa. A fertilidade dos campos conjugada com a abundância de água, são um desafio permanente à luta contra a inércia e contra a fome.

As crianças, em tão grande número e por todo o lado, são uma autêntica explosão de vida e de fertilidade a requerer, naturalmente, mais atenção e maior cuidado.

É lugar comum evocar o enorme abismo entre a Europa e a África no que concerne abertura ao dom da vida e ao respeito que esta merece. Grande contraste encontrámos no modo feliz e jubiloso com que cada momento é vivido, sem ansiedade! As crianças enchem os caminhos das pessoas de alegria e contentamento. Não faltam, também, grandes interrogações sobre o seu futuro e os caminhos

Continua na página 4

BATIDOS pela onda da globalização, na nossa pequena esfera de acção, urge fazer memória dos primórdios da Obra da Rua, para não se desvanecer a nossa identidade de serviço aos mais Pobres, na Igreja que amamos, e discernirmos alguns sinais dos tempos, como o desprezo pela vida humana e pela família. Entre nós, crescem os filhos e as filhas ao abandono e em perigo moral, e aumentam os comportamentos desviantes.

Um encontro feliz com um manuscrito inédito, do punho do Padre Américo, renovou a nossa firmeza de alma. A sua pena é dura, pois estava marcada pela angústia da miséria do seu tempo. Registava, com simplicidade, os actos para que não se perdesse o essencial e, assim, fez história.

O silêncio e a dor vergam os corações. Porém, estas palavras proféticas têm a frescura da água pura que bebemos e arredam desânimos e tecnicismos sociais. E demonstram como foi difícil começar uma coisa nova, nos anos 30 do século XX, na linha da Caridade cristã.

Padre Manuel Mendes

PÃO DE VIDA

Para a história da Obra da Rua

COLÓNIAS DE FÉRIAS
DOS GAROTOS DA BAIXA
SUA HISTÓRIA E SUA VIDA

«Na Páscoa de 1935 fui visitar o então Pároco de São Pedro d'Alva, Padre Simões e Sousa, e este levou-me a ver um curso nocturno para os rapazes da terra, de leitura e catequese. Era este curso instalado em um grande casarão desabitado há muitos anos, cujos donos viviam em parte incerta, no Brasil.

Casa ampla e arejada, horizonte vasto, desocupada nos meses de Verão, todos estes predicados levantaram no

meu íntimo a esperança e desejo, há muito tempo latentes, de me alojar ali no mês de Agosto, já daquele ano, com umas dúzias de garotos do tugúrio, em Coimbra. Tinha então à minha conta, e frequentava vezes amiúde, uma família no Beco do Moreno, onde havia cinco filhos raquíticos e esfomeados; e estas crianças, assim doentes, foram o rastilho da Obra. Já tinha casa. Soletrei a ideia, a medo, ao Padre Simões e Sousa, quando daquela visita, e o bom sacerdote animou-me, pôs a casa ao meu dispor e prometeu auxiliar.

O tempo corria. Dentro em breves meses vinha o mês de Agosto; isto era em Abril. Simões e Sousa não cessava

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

«QUE CADA FREGUESIA CUIDE DOS SEUS POBRES!» — A crónica desta quinzena é inspirada nesta máxima do Pai Américo que vem a propósito de dois casos com que a nossa Conferência Vicentina teve que lidar, há dias. O que o Pai Américo quis dizer com ela não foi, certamente, apelar a uma espécie de egoísmo paroquial que não seria nada cristão. Foi, antes, chamar a atenção para que de pouco vale andar a fazer caridade fora de casa quando ela é precisa dentro de portas. Esta máxima do Pai Américo é também, no seu jeito único de dizer verdades fundamentais, um belo enunciado do que hoje em dia é designado mais pomposamente como “princípio da subsidiariedade”: na resolução dos problemas devem ser responsabilizadas, em primeiro lugar, as entidades que lhe estão mais próximas, deixando para entidades doutro nível intervenções complementares que as ajudem naquilo que elas próprias não puderem fazer. A máxima do Pai Américo é, também, imbuída do espírito que caracteriza a prática muito vicentina da visita domiciliária exercida em relação àqueles a quem os vicentinos podem chegar através do contacto pessoal e da avaliação *in loco* das reais necessidades de quem precisa de ajuda.

Um dos casos com que tivemos de lidar veio-nos de um local relativamente distante, através de telefonemas insistentes de uma familiar de pessoa que estamos neste momento a ajudar, e depois de termos começado a dar esta ajuda. Já não é a primeira vez que ajudamos membros desta família, embora não conheçamos a pessoa que agora nos telefona. O nosso conhecimento de longa data desta família ensinou-nos a ter o bom senso necessário para distinguirmos entre a real necessidade e a pedinçice. Acresce ao que acabamos de dizer o facto do pedido em questão vir de um local que sabemos estar bem servido por instituições com bom trabalho na área social. Por isso, para já remetemos essa família para quem, com conhecimento mais próximo da situação, pode estar em melhores condições do que nós para avaliar se há mesmo necessidade de ajuda ou não.

O segundo caso veio-nos de uma família em dificuldades que vive numa localidade próxima daqui, mal servida por conferências vicentinas. Esta é uma daquelas situações onde se combinam os ingredientes suficientes para uma família cair em dificuldades económicas e, daí, passar a uma situação de pobreza “envergonhada”. O pai de família, com 58 anos, tem problemas de ossos numa perna que obrigaram a uma intervenção cirúrgica. A operação parece não ter resolvido, uma vez que o homem se encontra, agora, praticamente inutilizado dessa perna, sem possibilidades de manter o seu emprego e, mesmo incapacitado para ir cultivando uma horta, como ainda se faz aqui por estes lados, quando a reforma chega. Com um ordenado pequeno, o que agora lhe chega de pensão é um cheque de 260 euros por mês. A mulher tem também uma saúde fraca que não lhe permite fazer grandes esforços físicos. Com baixas qualificações escolares e profissionais, a senhora foi compondo o orçamento familiar prestando serviços de ama, não declarados. Com a doença do marido e desavenças entre os pais das crianças que tinha a seu cui-

dado, essa fonte de rendimento foi-se. Os quatro filhos do casal têm famílias jovens, sem grandes ordenados para suportar os encargos próprios dessa fase da vida. Assim, embora não esqueçam os pais, não têm grandes possibilidades de os ajudar como seria necessário. Sendo uma família de origem muito pobre, não tem património, nem conseguiu o suficiente para construir uma casa, como várias vezes acontece aqui por estes lados quando se é proprietário de um pequeno bocado de terra. Têm vivido, por isso, em casa alugada, o que lhes retira, todos os meses, 150 euros ao pequeno orçamento familiar.

Não é, pois, de admirar que, durante os meses mais críticos da doença do pai de família, a renda da casa tenha ficado atrasada. Para agravar a situação, o senhorio é pessoa a quem o vinho faz, muitas vezes, dizer coisas que não deve, em público. Embora o casal tenha vindo a pagar, aos poucos, as rendas em atraso, ainda não conseguiu amortizar a dívida toda. Por isso, a mulher veio ter connosco a pedir alguma ajuda para se ver livre dessa dívida e não passar mais por vergonhas em público. Como de costume, não respondemos ao pedido sem antes irmos ver com os nossos olhos a situação em que a família vive. Não nos pareceu pedinçice. Por isso, deixámos o que nos pareceu razoável para ajudar a pagar as rendas em atraso, mas não todas. Também não garantimos nenhum “subsídio” certo daqui para a frente. O que garantimos foi que fâmos continuar atentos às necessidades que pudessem ir surgindo.

Como outra vez já vamos longos na nossa crónica, deixaremos para uma próxima oportunidade o espaço da “partilha”, sem que isto signifique que nos tenhamos esquecido dos queridos Leitores que continuam a lembrar-se de nós. Por isso, em nome dos Pobres, um muito obrigado a todos.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

SETÚBAL

FÉRIAS — Existem tantos temas para escrever mas, o único que consigo é sobre as férias, que ainda gozo no momento em que escrevo. Os dias vão passando e o tempo de descanso também. Gostava de fazer um alongamento do que foram as nossas férias. Sei que o fiz na última edição d'O Gaiato mas, mesmo assim, é agradável contar aos nossos queridos leitores, o quanto nos divertimos, o quanto gostamos de quem nos rodeia, ou até, o quanto adoramos quem nos educa por mais revoltados que fiquemos a uma emenda aos nossos actos ou palavras. A Casa do Gaiato nunca esteve tão presente nos corações de banhistas como este ano, pelo menos enquanto cá estou. Este ano adoramos a companhia de quem esteve connosco, a senhora D. Isaura. Com esta senhora passamos momentos bons e agradáveis. Tivemos a oportunidade de passarmos na Serra, na Praia da Pedra, no Monte da Areia para pequenos piqueniques, que adoramos. Descobrimos também, através das palavras da senhora, como tomámos posse da casa que temos agora, e como eram os tempos antigamente. Pelo que ouvi, ainda bem que não estive presente nesses tempos. Mas soube

também que se formaram bons gaiatos nesses tempos.

Agora, estando já na rua o nosso GAIATO, o segundo grupo dos rapazes mais crescidos já está a ocupar a Casa de Férias. E nós tomaremos o seu lugar na nossa bela quinta, de que já tinha saudades, confesso. Esperamos que o grupo que lá está seja unido como o nosso, Amigos como sempre fomos.

Danilo Rodrigues

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DO NORTE

NOVA DIRECÇÃO — Conforme noticiámos n'O GAIATO de 2 de Agosto último, eis que nos chega a data para a realização da Assembleia Geral Extraordinária onde se fará a votação da lista, única, apresentada na reunião de 20 de Julho, dia do nosso Encontro Anual, na Casa do Gaiato, de Paço de Sousa.

A lista é liderada pelo José Miguel Rodrigues, acompanhado por uma boa equipa que merece confiança para os passos importantes que se avizinham para a nossa Associação.

Assim, fica o dia 14 de Setembro, às 10h30, como a data e hora para a respectiva votação e tomada de posse dos novos Corpos Sociais, que se comprometem a seguir o rumo estabelecido no Regulamento Interno e nos Estatutos, também para tratar de assuntos urgentes que afectam o quotidiano da Associação.

Oportunamente, será aberto o espaço da sede da Associação, no edifício dos Correios, na Avenida Barão Lourenço Martins.

A nova direcção quer que esse dia seja festivo, facto pelo qual convidou o nosso Padre João que presidirá à inauguração do referido espaço. Para esse dia está marcado um jogo de futebol e algumas actividades tradicionais: jogos de malhas, cartas, damas, etc. Haverá prémios surpresa para os primeiros classificados.

Escusado será dizer que não faltará a habitual sardinhada com caldo verde e muita música.

Contando ter uma boa representa-



ção para este acto solene, esperamos-vos. Um abraço a todos e até ao dia indicado.

Júlio Fernandes

CASAMENTO DA MICAELA E CARLITOS «RUSSO» — Carlitos «Russo» foi nosso, aqui, em Paço de Sousa. Veio pequeno, mas acompanhei o seu crescimento. A Micaela foi baptizada no mesmo dia da minha filha Soraia, a partir daí criou-se um laço de amizade até aos dias de hoje. Estou aqui, em Azurara, a gozar uns

dias de férias, o mesmo lugar onde os noivos se conheceram há alguns anos.

O casamento realizou-se em 19 de Julho, dia de aniversário da noiva, na Capela da Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Celebraram o Padre Oliveira, primo da mãe da Micaela, e o nosso Padre Carlos. A cerimónia foi simples e bonita.

Estiveram presentes alguns antigos gaiatos, familiares e amigos.

Parabéns e felicidades para os noivos.

Jorge Alvor («Eusébio»)

O Abel

HÁ cinquenta e dois anos, por estes dias, sofreu ele uma experiência singular. Perante a morte de Pai Américo, ele que era o seu condutor no momento do desastre de que lhe sobreveio a morte, sentia a dor de ter sido interveniente, porventura culpado, não por malícia mas por incompetência. Foi preciso então sacudi-lo com energia e fazê-lo aceitar o desígnio de Deus. Bastava-lhe a dor de um filho na orfandade de um tal Pai — e nessa, ele não tinha nada de singular, pois eram multidão os

que comungavam na mesma dor.

Mais tarde casou e foi tomar conta da Alfaiataria no Tojal. Ali lhe nasceram um filho e várias filhas, quatro das quais casaram com outros tantos rapazes daquela Casa do Gaiato.

Tendo sofrido recentemente duas operações quase seguidas, não resistiu. E dia 1 de Agosto foi sepultado naquele Campo Santo onde repousam vários da nossa Família — o primeiro, o Mário «Rouxinol», que me morreu nos braços no ano em que entrei no Seminário.

Que todos estejam perto do Pai que a Divina Misericórdia lhes deu em Terra, na Morada eterna de Deus.

Padre Carlos

Benguela

Continuação da página 1

com a Helena, sua esposa. Estou a referir a geração dos mais antigos. Os mais novos, muitos deles saídos há pouco tempo para a sua vida, recebem um estímulo forte dos mais velhos. Por isso, é um encontro salutar.

A Festa da Obra da Rua tem como referência o dia do nascimento de Pai Américo para o Céu. O dia da morte dos santos é celebrado como o dia da sua festa. Por isso, o dia 16 de Julho de cada ano é apetecido e celebrado como o dia grande da Família que está em cada ramo da Obra da Rua. Os mais pequeninos e os mais

velhos guardam-no sempre na sua memória.

Quem dera seja sempre mais conhecida e amada a mensagem que Pai Américo nos deixou! Continua a ser uma actualidade flagrante, nestas terras, como o foi no seu tempo. Sempre que me desloco à cidade, vejo as crianças da rua a deambular dum lado para o outro, à procura dum olhar de carinho e de mãos que as aconcheiem ao coração. Quanta riqueza escondida no coração destes filhos da rua!

Há dias, em visita de surpresa, anunciada pouco tempo antes, um grande cantor esteve em nossa Casa. Foi o Paulo Flores, muito conhecido dentro e fora do País. Encontrou-nos a todos dentro do refeitório, precisamente à hora da refeição de Domingo. Vinha acompanhado da sua comitiva.

Gostámos de o ver naquela hora e naquele lugar. Ficou comovido, diante do espectáculo de mais duma centena de filhos, sentados à mesa, como duma família grande se tratava. Acompanhava-o um representante da grande empresa mineira de Angola, chamada Catoca. Com as minhas mãos bem agarradas às mãos dele e os olhos fixos nos filhos que estavam diante de nós, falámos da maior riqueza de Angola. Os minérios são uma riqueza escondida na terra, que deve estar ao serviço de todo o povo. Maior riqueza, porém, é a que está escondida no coração destes filhos que vieram do abandono e de todos os filhos da rua. As pessoas são a maior riqueza. Por isso, só de mãos dadas conseguimos fazer uma Angola grande e feliz. Quem dera!

Padre Manuel António

SETÚBAL

Liberdade

JUNTAMENTE com a liberdade, necessária para a efectiva dignidade das pessoas, veio uma falsa ideia de liberdade, em que cada um, independentemente da sua idade e condição, deveria fazer o que bem lhe parecesse. Este aparecia como um caminho de crescimento e de autonomia.

Esta ideia está ainda bem vinculada na mentalidade comum e, para muitos, é um tabu em que se não pode mexer.

Pois diga-se que está muito errada. Se a árvore cresce torta e a gente diz que ela se endireitará no devido tempo, estamos muito enganados. Nunca a natureza opera estas transformações.

Todo o agricultor sabe que a árvore precisa de ser conduzida, ajudada a crescer na vertical, pois os ventos, as chuvas e as tempestades que sobre ela se abatem,

caso não sejam contrariados, deixarão na árvore os efeitos da sua acção.

A pedagogia da nossa vida, assenta na assumpção pelos Rapazes, de uma vida em liberdade. As diferenças respeitam-se e promovem-se, em liberdade. Os desejos e projectos de cada um, incentivam-se. Mas tudo isto, desde que para o bem; desde que com fundamento; desde que com persistência. É então uma vida em liberdade mas com responsabilidade.

A falsa ideia de liberdade estendeu-se à interpretação da própria lei no que diz respeito à família. Hoje os pais têm a liberdade de procriar, entre nós, mas não têm a liberdade de educar. Procriar e não educar, não é criar. Os pais não podem pois criar os seus filhos, não têm essa liberdade que deveria ser, simultaneamente, uma

responsabilidade. Ambas andam a par. Não pode existir uma sem a outra.

Se o Rapaz não é ajudado a crescer, vencendo as tempestades que nele aparecem, e que por vezes o impelem a crescer torto, não encontra a ajuda que naturalmente necessita. E se tal acontece, ele é a principal vítima. Mas não só ele. Também a sociedade de que ele faz parte. A delinquência que ela sofre é, quase sempre, a consequência dessa falta de ajuda.

À medida que essa delinquência aumenta, a sociedade fecha-se para se defender, aumenta o isolamento, o abandono e a marginalização daqueles que se voltarão contra ela. É um crescimento em espiral que só a verdadeira liberdade, praticada e vivida, poderá atenuar.

Quem dá o pão, tem a responsabilidade de dar a educação. Não se pode impedir que o faça, não vá aumentar ainda mais o número dos que se demitem de educar os seus filhos. A estes, a lei e a falsa ideia de liberdade, justificam-nos.

Padre Júlio

Pão de Vida

Continuação da página 1

de me escrever: — “que não deixasse arrefecer a ideia” — e logo desatou a pedir mobílias e coisas ao Senhor Coimbra, dono da fábrica Estrela d’Alva, que prometeu fazer nas serrações da sua fábrica todo o mobiliário indispensável. Com brisa tão favorável a soprar do futuro lugar das Colónias, comecei eu em Coimbra a apalpar terreno. Era coisa nova; duvidava-se e tinha-se medo. No Seminário ninguém me afoitava, apenas o Senhor Cônego Nogueira me deu cem escudos. Foi a primeira esmola e uma grande bênção. O Senhor Bispo, então D. Manuel L.[Luís] C.[Coelho] da Silva, deu-me também cem escudos, já com a Colónia a funcionar, mas fê-lo sem entusiasmo. Fora do Seminário o ambiente também era pouco favorável. Não se acreditava que, sem dinheiro, eu pudesse meter ombros a tal empresa. Estando as coisas neste pé, fui ao encontro do então estudante e hoje licenciado Joaquim Anacoreta e expus o meu plano. Apoiou inteiramente e ofereceu-se para conduzir as Colónias.

No dia 1 do mês de Agosto do ano de 1935, largou a primeira caravana de Coimbra, às 11 da manhã, composta de 27 rapazes e 3 vigilantes. Gastei sete mil escudos e deram-me ofertas no valor de quatro mil e seiscentos escudos, tendo por isso ficado com uma dívida de dois mil e quatrocentos escudos.

Animado com os óptimos resultados, físicos e morais, do primeiro ano, no segundo, de 1936, conduzi um maior número de rapazes para o mesmo ponto, agora com melhor

organização. O povo de Coimbra já não tinha medo. As esmolas já vinham mais abundantes. O Seminário viu mais claro e deu-me dois ordinandos para ajudar. Trouxe 53 colonos.

A casa de São Pedro d’Alva já não continha o número de rapazes que aspirava conduzir. Os rios Alva e Mondego eram longe. Outros inconvenientes apareciam, sendo a falta de água o maior de todos. Urgia mudar de poiso. Procurou-se casa e sítio adequado e deu-se fundo em Vila Nova do Ceira, na quinta do Sr. Doutor Diogo Cortez. Para ali se conduziram 96 rapazes. Pedi nas igrejas de Coimbra, à hora da Missa, e fiz o mesmo na Figueira e na Curia e no Luso. Aqui, nos hotéis, porquanto o Pároco não consentiu que eu pedisse na igreja.

Na quinta da Costeira, do Senhor Doutor Diogo Cortez, estava-se perfeitamente à vontade,

oferecendo o lugar todos os requisitos necessários para uma obra desta natureza. O rio Ceira ficava a cinco minutos. Animado, pois, com todas estas circunstâncias favoráveis à causa, para ali fizemos seguir 124 rapazes, organizados em três turnos, durante sete semanas, dos meses de Julho, Agosto e Setembro.

No ano seguinte, ainda para o mesmo sítio, conduzimos três turnos de rapazes, mais numerosos — 156 — e mais duradouro. O povo do lugar já está muito mais familiarizado com os pequenos e espera-os com ansiedade. Vão dando várias ofertas, de coisas de sua casa, o que dantes não faziam.

A Obra das Colónias vai-se tornando cada vez mais conhecida e melhor recebida. Os peditórios feitos anualmente nas Praias, Estâncias e Igrejas fazem-lhe grande reclame. Tornava-se necessário obter Casa própria, com pessoal permanente, para que os mais fraquitos pudessem ficar largos meses, pelo ano fora, até

MALANJE

Reflectindo

TUAS Sés desertas!

Deixa as imagens dos teus santos, as colunas majestosas e vitrais multicores. Vamos, Senhor, pelos campos fora. Há recantos de sombra nos lameiros verdes e nas represas dos rios, albufeiras límpidas. Tomamos banho? Sinto-me tão feliz e tão livre contigo a meu lado e Tu liberto...

— Há quantos séculos os homens te fecharam nas casinhas de prata?

— Muitos. Leva-me aos homens.

— Vamos pelas ruas e praças, até à marginal, pelas esplanadas, cafés e restaurantes... Verás que ninguém Te conhece. Esqueceram o Teu perfil de Homem, o Teu sorriso de bondade, os teus olhos mansos!

— Eu os conheço e os amo.

— O mundo fútil da terra apagou os Teus traços e traçou-lhes outros caminhos. Livre como Estás, que pensas fazer?

— Escolher outros Doze e levar aos homens, de novo, o mesmo e o meu Evangelho.

— Vamos, Senhor, o sol já sumiu nas pregas do mar! «Mas ainda se vêm uns raiosinhos atrasados nos cumes das ondas. Onde passaremos a noite?»

— Vou pensar a lista e ver aqueles que hoje irão sofrer a sua agonia.

Ficou escuro e as estrelas luziram. Os nossos passos ressoaram na rua deserta.

A cidade de Luanda encheu e transbordou. Nasceu a Luanda Sul que se estende de Viana ao Benfica no caminho da foz do Cuanza.

A gente jovem abandonou as sanzalas, os trabalhos dos campos e entrou no turbilhão «ao deus dará». Compra coisas, vende coisas e não sai deste ritmo sem amanhã.

Luanda Sul até tem belos projectos, muitos estaleiros e complexos, bem estruturados, de grandes empresas, alguns condomínios luxuosos e outros mais modestos. Quando por lá passo, em vão me tenho esforçado por ver um sinal ou espaço de igreja ou capela. Sim, sinais e lugares dos diferentes cultos e seitas... Senhores Bispos?... Perdão, talvez que minha visão ficou curta...

E os muceques? Esses continuam firmes e fiéis ao seu lugar...

Costumo parar junto dos lugares onde se vende fruta; a visão da fruta dá-nos paz.

Padre Telmo

se acharem completamente fortes. Esta ideia, colhida na experiência da vida das Colónias, levou-me a comprar casa adequada, tendo agora as Colónias residência própria em Miranda do Corvo, na quinta de São Braz, que se chama, e de facto é, “Casa de Repouso

do Gaiato Pobre”. Custou 40 contos e pagou 5 contos de sisa. Ensaíamos as Colónias na Casa do Gaiato, pela primeira vez, em 1940, com magníficos resultados. O primeiro turno fez-se de 8 de Julho a 23 do mesmo mês, com 30 colonos. O segundo turno fez-se com igual número de garotos, desde o dia 26 de Julho a 10 de Agosto. O terceiro turno veio no dia 13 de Agosto a 28 do mês também de Agosto, com 42 garotos. O quarto e último turno estendeu-se desde o dia 31 de Agosto até o dia 14 de Setembro, com 42 colonos.

O primeiro turno [em 1941] de pequenos saiu de Coimbra no dia 8 de Julho e regressou no dia 23 — o número deles foi de vinte e quatro.

O segundo turno, composto de 25 rapazes, começou no dia 25 de Julho e terminou no dia 9 de Agosto — o número foi de vinte e cinco.

O terceiro turno saiu de Coimbra no dia 11 de Agosto e regressou no dia 26 — foi de 42 rapazes.»

[Padre Américo]



1940 — 4.º Turno das Colónias de Férias do Garoto da Baixa de Coimbra

Recordações

O Padre José Maria está entre nós estes dias por motivos de saúde que não esperam. Serão breves, porque na próxima Solenidade da Assunção de Nossa Senhora vai contar cinquenta anos de sacerdócio; e, natural e justamente, o Jubileu será celebrado em Moçambique. Nem ele, nem eles, os seus mais próximos, dispensariam que assim fosse — e com certeza brevemente nos darão notícia de como foi.

Mas a nossa festa é feita em exercício de memória desse tempo difícil e tão feliz em que, após a expressão mais simples a que fomos reduzidos pela morte de Pai Américo — três jovens padres sem nome, sem experiência — tivemos a graça de mais dois que se nos juntaram logo no ano seguinte; e no outro, o Padre José Maria, que veio completar o grupo dos mais antigos que ainda somos, menos o Padre Horácio que o Senhor já nos levou. Esta meia dúzia restituiu à Obra a estabilidade de um padre em cada Casa e tornou possível o efectivo começo do Calvário que abriu simbolicamente em 16 de Julho de 1957, para que ficasse marcado com um acto de vida o primeiro aniversário do nascimento de Pai Américo para o Céu. Foram recebidos os primeiros Doentes, em estado de saúde que lhes permitia ainda bastante autonomia. E o padrão foi a Capela, feita do antigo Espigueiro, que D. António Ferreira Gomes benzeu e aí celebrou a primeira Missa e proferiu uma homilia linda sobre a *Casa do Pão* que cada templo deve ser e aquele é de um modo tão expressivo.

A ausência física de Pai Américo foi ocasião de um despertar de inquietações vocacionais. Fossem mais numerosos os presbitérios diocesanos e o de um Insti-

tuto Missionário então apelado, e teria acontecido que mais alguns se nos juntassem.

Em Braga o fogo lavrou entre Jovens Vicentinos. E se nem o Fernando Cadillon nem o João Lobato (que o Senhor já tem consigo) foram avante, foi o Abraão, o nosso Padre Abraão, que vive ainda mas impossibilitado por doença que precocemente o atingiu.

Padre Luís termina o seu curso de Agronomia (só lhe faltava um ano) e ingressa no Seminário do Porto. A sua ordenação em 1963 permite-nos pensar em África, vontade tão viva no coração de Pai Américo! E neste ano não foi só ele. Um outro dom que Deus nos tinha revelado pouco antes, tornou mais firme a decisão missionária: Padre Telmo, um nosso precioso veterano. A vinda dele, ao soar a hora de Angola, foi um aviso evangélico. O Senhor Jesus ao enviar os Seus discípulos à missão, mandava-os dois a dois. Assim aconteceu no mesmo acto: Malanje e Benguela.

A ordenação de Padre Abraão, em 1967, proporcionou a primeira Casa de Moçambique. Desta vez foi só um padre. Mas com a força viva deste crescer fecundo, atrevemo-nos na expectativa de que não demoraria muito outro padre e a segunda Casa lá. Cheguei a ver uma fazenda no Chimoio, atravessada pelo rio Revué, que me ficou nos olhos e no coração. Mas já não houve tempo. Os «ventos da História» sopraram em contrário. Padres, até teria havido... — e que boa oportunidade se perdeu! Mas 1974 tornou inviável o projecto. Hoje, até talvez fosse possível... — mas onde os padres?

Aqui tens, Padre Zé, a minha tua festa das bodas de ouro sacerdotais: Recordações felizes neste fim de vida, que queremos fundamento da Esperança, a nossa, de que alguém, um dia, virá dar-lhes vida e revivê-las.

Haja quem «Senhor, entregue em Vossas mãos, o seu espírito».

Padre Carlos

CALVÁRIO

O mocho

TENTOU sair do ninho, julgando que tinha forças e jeito para voar. Não foi capaz e caiu no solo. Foi fácil apanhá-lo para o colocar ao lado de outros na gaiola. De bico fechado fita-me com um olhos enormes. «Falar não fala, mas pensa muito» — diz a anedota. Talvez por este pensar muito, seja o símbolo da Filosofia.

Em nossa Casa temos muitos doentes que também não falam, mas, com certeza, que a sua mente trabalha e está atenta ao que se passa em redor.

O Luís, connosco há 30 anos, nunca falou. A história dramática do seu viver é, porventura, a causa da sua situação autista. Faz tudo quanto se lhe pede. Deita a mão a quem dele precisa. É até hábil naquilo que executa. Mas permanece no mundo do silêncio. Quando não tem o que deseja, irrita-se. Às vezes, tem birras. Mas ao mesmo tempo é meigo. Quando vê guloseimas nas minhas mãos, vem por detrás e bate-me de mansinho nas costas. Ao receber o doce, sorri e fica feliz.

Também o António, companheiro daquele, nunca articulou qualquer palavra. Ao aproximar-me dele, estende as mãos. Quer um carinho. Encosta, então, o rosto ao meu peito. Depois, dá-me um abraço. É um ser carente, mas conhece bem quem olha por ele.

O homem não se exprime apenas pela fala. Tem outras maneiras de o fazer e, às vezes, bem expressivas.

Aqueles que não falam têm gestos agressivos e afectuosos, que muito dizem. Dão gritos e gemidos que traduzem o seu estado de alma e ânsia de comunhão com os outros.

Em todas as idades há quem não fale. Uns ainda não o fazem porque são pequenos; outros porque marcados pela doença, pela invalidez, pelo desprezo a que são votados. É preciso andar atento para os entender e lhes dar resposta que suplicam. E esta é, antes de mais, a do reconhecimento da sua existência — normalmente ignoram-nos. Depois, a da nossa presença amiga. Quando aqueles sentem que alguém os reconhece e estima, tranquilizam-se e ganham ânimo para sorrir.

O Senhor também não diz nada. A gente fala, mas Ele não responde. Porque o que Ele deseja não são palavras, mas a nossa presença e o nosso amor.

Ora, aqueles que não falam, mas vivem no mundo do silêncio, por vezes agravado pela solidão, são o espelho de Deus silencioso, aparentemente distante, mas sempre perto de nós.

Na quietude ou na inquietação, no olhar terno e suplicante daqueles, o Senhor espera que O reconheçamos.

Ó mocho real, quem tu me havias de lembrar hoje!

Padre Baptista

Angola-Benguela

Continuação da página 1

adequados à sua educação. O fenómeno da globalização é um facto ineludível. Os padrões de comportamento são transversais e as novas gerações, em qualquer latitude, muito permeáveis à novidade. Aqui, também, e com grande acuidade. Grandes desafios são postos as estas Igrejas jovens, por esta imensa mole humana. Mais de 35% da população angolana está abaixo dos 15 anos!

As Casas do Gaiato teriam aqui "matéria-prima" abundan-

te para a implantação do seu método pedagógico.

Padre Manuel António tornou-se uma figura carismática em todo este "tecido" social e eclesial de Benguela. É conhecido e notoriamente estimado, respeitado por todos: novos e velhos. Toda a gente o conhece e cumprimenta mesmo no meio do reboliço da cidade e da vida social e comercial. É um carinho e uma estima surpreendentes pela sua pessoa e pela sua acção. Bendito seja Deus!

D. Óscar, Bispo emérito e D.

Eugénio, o actual residencial não poupam manifestações de apreço, carinho e admiração pela Casa do Gaiato, mantendo o seu Seminário Maior aberto ao surgimento de vocações sacerdotais para a Obra da Rua.

O Mosteiro da Mãe de Deus, fica mesmo em frente da nossa Casa. Santuário de fé e oração que Padre Manuel acompanha e do qual também beneficia. Ali rezou João Paulo II aquando da sua visita a Angola — uma Graça!

Um grupo de Antigos Gaia-tos anda também sempre, por perto. Padre Manuel beneficia da sua proximidade. Na festa

de Pai Américo, foram eles que, em equipa, prepararam o dia da festa. Esmero e dedicação, atitudes muito apreciáveis. A Comunidade dos Rapazes é simpática e muito familiar. Kanema é o Chefe Maioral que, com os seus companheiros, tem a responsabilidade de orientar os seus

irmãos mais novos auxiliando o Padre Manuel nesta sua grande missão. No dia de Pai Américo rezámos pelas vocações à Obra da Rua. Padre Manuel, Zé Luís e Teresa, Sá Cruz e outros estiveram no centro das nossas orações e pedidos a Deus.

Padre João

Património dos Pobres

Ah... Que se todos soubéssemos o que é comungar!... A vida seria outra e o Pão do Céu vivificaria todos os corações!... Transformando-os!... Hoje que as multidões se abeiram da Mesa Eucarística!...

Ali recebemos, Vivo, o Corpo do Senhor, não somente o que nasceu da Virgem Maria, morreu na Cruz e ressuscitou, mas muito mais. O Corpo Actual, o Corpo Místico que abrange todos os baptizados e... até toda a Humanidade!

Mas não. Ficamos na estreiteza de uma mística cómoda que não nos inquieta!... O que é tão doloroso e tão negativo!

— Se fosse na minha terra, a comunidade levantava-se toda, unia-se, e faria uma casa para aquela família — desabafava-me o marido da professora que dá apoio escolar à criança, filho da família que vive numa vergonhosa(?) habitação, mesmo defronte à Igreja local.

— Vou ver — disse-lhe. E fui.

Era verdade o que o senhor me relatara.

Uma casa pequenina, muito velha, de telha vã e terra batida em vez de soalho, sem água nem luz nem janelas, era habitação daquele menino e de seus pais!...

A gente nem acredita!... É preciso ver!... Como é possível nos tempos de hoje?!...

Se estivesse em África, ou mesmo no interior do Brasil, não me admirava!... Há milhões de famílias a viver ainda em piores condições!... Mas em Portugal?!... Meu Deus!... E ali nas barbas da Igreja... onde se celebra e comunga a Eucaristia!... — Cheiro a profanação!...

A Luz não alumia. Não se acende com a força inata do amor pelos Pobres, capaz de incendiar os corações que A recebem ou se aproximam dos comungantes.

Mas esta família não se acomodou à infeliz situação. Reagiu. Em terreno longínquo do local onde vegetava e sua propriedade, levantou uma habitação com dimensões razoáveis.

Um Tê como parte direita do travessão um pouco alargado dá para cozinha, sala de receber e estar e corredor largo com acesso aos quartos e à casa-de-banho.

Por dentro tudo está em osso, isto é, sem rebocos, sem aros nem portas nem chão.

A Segurança Social deu-lhes 180 contos, na sua linguagem, é o que corresponde a 800 euros.

Assim, não sei quando nem como aprontariam a sua casa. Aos sábados, com a ajuda de um pedreiro, iam andando a passo de caracol.

Após duas ou três visitas para entender o que são as pes-

soas e o que querem, e depois de lhes levar duas janelas com aros para os quartos, desprovidos de luz e de ar e lhes dizer que quero uma casa boa e bonita, disponibilizei-me para lhes pagar o material orçado em mais de 6.000 euros e a mão de obra por 2.500 euros. Eles, a senhora e o marido, dão a serventia.

O prazo marcado para acabar a obra é o final deste Agosto. Espero que saiam da espelunca antes que venha o Inverno. Eles e às pessoas a quem comunicam, embora lhes recomende segredo, comentam estupefactos: — *Nunca vimos coisa assim! Ver alguém ajudar-nos desta maneira!*

Ontem, ainda incrédulos, avisam: — *Tem cuidado, não assines nada, olha que vos podem enganar.*

Quando a Luz resplandecer em toda a sua intensidade: a casa estiver pronta e eles lá dentro, gozando o seu aconchego em paz, dirão prostrados aos pés do Senhor Ressuscitado: — É verdade, Ele está connosco!...

O Património dos Pobres tem como fim último a proclamação vigorosa e irrefutável da Ressurreição do Senhor e à nossa Comunhão com Ele!

A direcção postal do Património dos Pobres:

Lar do Gaiato
Trv.ª Padre Américo
3000-313 Coimbra.

Padre Acílio